

ENTRE CIÊNCIAS E ETNOCIÊNCIAS

Alexandra Soveral Dias, Ana Luísa Janeira***

RESUMO

O pensamento ocidental tem estruturado muito dos seus alicerces fundamentais, a partir de dualidades mutáveis que vai refazendo e modificando. Na medida em que constituem suportes de segurança para o pensar e para o viver, pois sempre se têm desmultiplicado, quer como grelhas de orientação mental, quer como matrizes de conduta axiológica, estas polaridades têm actuado como realidades mistas, entre o que é defendido como excelência da razão e o que é usado como grelha facilitadora por hábito. Da Filosofia Grega nomeadamente platónica irromperam muitas dualidades. Realidade que a literatura expandiu a outras tantas, ao contrapor razão e pré-juízos ou mitos, ciência e fé ou crença, verdadeiro e falso, erudito e popular, teórico e prático, abstracto e concreto. É tendo como pano de fundo este universo de dicotomias, com relevo para o eco socrático (*epistéme*, conhecimento) e a argumentação sofística (*dóxa*, opinião), que se podem encontrar certas determinantes da diferenciação – denegação do senso comum, por parte do conhecimento científico. Facto que começou a ser questionado pela Pós -Modernidade, quando o pensamento se foi, e se vai desconstruindo e emancipando desse passado. Como é desta contestação que sai a denúncia do empobrecimento, correspondendo a uma literacia científica obviamente mais reduzida, decorrente das posturas teórico-práticas que subalternizam genericamente os conhecimentos quotidianos e desprezam o saber – fazer popular, autóctone ou indígena. Posturas teóri-

* Professora Auxiliar do Departamento de Biologia e investigadora da Unidade de Ecologia Química, Centro de Ecologia e Ambiente da Universidade de Évora, Doutora em Botânica Aplicada. *E-mail:* alexandra@uevora.pt

** Professora Associada do Departamento de Química e Bioquímica da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa, agregação em Filosofia das Ciências. Co-fundadora, primeira coordenadora e, actualmente, investigadora do Centro Interdisciplinar de Ciência, Tecnologia e Sociedade da Universidade de Lisboa (CICTSUL), Coordenadora, em Portugal, da Red de Intercambios de la Historia y la Epistemología de las Ciencias Químicas e Biológicas, México, D.C. *E-mail:* janeira@fc.ul.pt e analuisajaneira@clix.pt

co – práticas que entretanto começaram a abrir brechas, devido a certa adesão às Etnociências, por parte da comunidade científica. A novidade trazida por estas áreas, nomeadamente a sua natureza interdisciplinar com apelo a uma grande variedade de saberes, engendra problemáticas relacionadas com a legitimidade do campo de estudo. Com efeito, vêm juntar o que antes foi separado, alterando o *status quo*. Assim, áreas disciplinares, que foi necessário individualizar no passado, confluem em novas estruturas (o que não se faz sem convulsões); cuja perspectiva obriga a toda uma recontextualização, determinando transformações de natureza, conteúdos e formas. Daqui deriva também a necessidade de ajustar metodologias e de procurar novos procedimentos. Da sua emergência até aos contextos atuais colocam-se temáticas aliadas ao enquadramento científico de saberes – fazeres, tanto passados como atuais, que têm subjacentes diferentes universos cognitivos, diferentes formas de viver e de interpretar o mundo, bem como longos percursos históricos por vários ambientes, várias naturezas, vários continentes. O diálogo entre as novas Etnociências e as áreas disciplinares que nela confluem continuará certamente intenso, permanente e mutuamente enriquecedor, até que seja (se for) cortado o cordão umbilical. Da existência de um misto de diálogo e de desafio, no seio destas relações complexas, resulta um ambiente propício ao aparecimento de algumas novidades como seja, por exemplo, o Jardin des Premières – Nations, por certo o primeiro grande Jardim Etnobotânico, tornado realidade em 2001, no seio do Jardin Botanique de Montréal, considerado o terceiro maior jardim botânico em diversidade de espécies à escala mundial.

Palavras-chave: ciência; etnociência; epistemologia.

BETWEEN SCIENCES AND ETHNOLOGICAL SCIENCES

Western thought has structured many of its basic foundations from mutable dualities that it reworks and modifies. Insofar as they constitute safety supports for thinking and living, because they have always been demultiplied, either as mental orientation grids, or as matrices for axiological behavior. These polarities have acted as mixed realities between what is advocated as excellency of reason and what is used as a habitual facilitating grid. Many dualities came from the platonically named Greek Philosophy. This reality was expanded by literature to many others, on opposing reasons and pre-judgments or myths, science and faith or belief, true and false, erudite and popular, theoretical and practical, abstract and concrete. And it is against the backdrop of this universe of dichotomies, with a higher relevance to the Socratic echo (*epistéme*, knowledge) and the sophistic argumentation (*dóxa*, opinion), that one can find certain determinants of

differentiation – denial of common sense by scientific knowledge. A fact that began to be questioned by Postmodernity when thinking was gone, and deconstructs and emancipates itself from this past. It is from this contestation that the denunciation of impoverishment comes, corresponding to an obviously smaller scientific literacy, as a result of the theoreticopractical attitudes which render generically subaltern the everyday knowledges and despise knowing – popular, autochthonous or indigenous doing. Theoretical-practical attitudes that, however, begin to open gaps due to a certain adherence to Ethnological Sciences by the scientific community. The novelty provided by these areas, to wit, their interdisciplinary nature appealing to a large variety of knowledges, engenders problems related to the legitimacy of the field of study. Indeed, it brings together what was previously separated, changing the status quo. Thus, disciplinary fields that had to be individualized in the past, flow together in new structures (which does not happen without convulsions); whose perspective obliges to a complete recontextualization, determining changes in nature, contents and forms. From this derives also the need to adjust methodologies and seek new procedures. From their emergence, to the current contexts, there are themes allied to the scientific classification of knowledges – doings, both past and current, which are underlain by different cognitive universes, different ways of living and interpreting the world, as well as long historical routes through several environments, several natures, several continents. The dialogue between the new Ethnological Sciences and the disciplinary fields that flow together in them will certainly continue to be intense, permanent and mutually enriching, until (and if) the umbilical cord is cut. From the existence of a mixture of dialogue and challenge, within these complex relationships, results an environment that is favorable to the rise of a few novelties, such as, for instance the Jardin des Premières – Nations, which is certainly the first large Ethnobotanical Garden, implemented in 2001, in the Jardin Botanique de Montréal, considered the third largest botanical garden worldwide, as to diversity of species.

Key words: science; Ethnological Science; epistemology.

Pedidos de cópia desta publicação para Alexandra Soveral Dias, Departamento de Biologia, Universidade de Évora, Ap. 94, 7002-554 Évora, Portugal ou, de preferência, para alexandra@uevora.pt.

Reprint requests to Alexandra Soveral Dias, Departamento de Biologia, Universidade de Évora, Ap. 94, 7002-554 Évora, Portugal or preferably to alexandra@uevora.pt.